

Avaliação dos níveis de atenção concentrada em surdos

Kátia Cristina Boff

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Avaliação Psicológica sob orientação do Prof. Dr. Cesar Piccinini, PhD e co-orientação da doutoranda Tonantzin Gonçalves, Ms.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, Dezembro de 2010.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	3
ABSTRACT	4
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	5
Apresentação.....	5
Jovens surdos: Aspectos físicos, psicológicos e sociais	6
Cognição e atenção concentrada no contexto da surdez.....	8
Justificativa e objetivos do estudo.....	11
CAPÍTULO II: MÉTODO.....	13
Participantes.....	13
Delineamento e procedimentos.....	14
Instrumentos e materiais.....	14
Ficha de Dados Sociodemográficos.	14
<i>Teste de Atenção Concentrada – AC</i>	14
Considerações Éticas	15
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
ANEXO A	27
ANEXO B	28
ANEXO C	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. *Características sociodemográficas dos participantes (N=20)* 13

Tabela 2. *Médias de acertos, erros, omissões e pontos no AC conforme escolaridade (N=20)* 19

Tabela 3. *Caracterização dos participantes de acordo com a classificação da pontuação no AC* 21

RESUMO

Este estudo buscou investigar a atenção concentrada em jovens surdos. Participaram 20 jovens surdos com idades entre 18 e 26 anos, que estudam e trabalham em uma escola de educação especial para surdos, situada na cidade de Caxias do Sul. Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico e realizaram um teste de atenção concentrada (AC) e os dados foram analisados a partir de testes não-paramétricos. Os resultados mostraram que jovens surdos menos escolarizados apresentaram médias mais baixas mesmo considerando-se a normatização do teste para cada faixa de escolaridade. Os achados apontaram também, que o contexto social e familiar pode exercer influência, mesmo que de modo indireto, sobre os níveis de atenção. Assim, seria fundamental estimular o processo de aprendizagem através da inserção social, em especial entre jovens provenientes de famílias com outros membros surdos.

Palavras-chave: atenção concentrada; surdez; jovens.

ABSTRACT

This study aimed to investigate focused attention among deaf youths. Participants were 20 deaf youths aged between 18 and 26 years, studying and working in a special school for deaf located in Caxias do Sul, Brazil. Participants answered a sociodemographic questionnaire and a focused attention test was conducted. Data were analyzed using nonparametric statistic tests. The results showed less educated deaf youths more likely to have lower levels of focused attention even when considering the standardization norms for educational level. Findings also showed familiar and social context can influence, even indirectly, on the attention levels. It is discussed the need to stimulate the learning process and social inclusion, especially among youths from families with other deaf members.

Key-words: focused attention, deafness, youth.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Apresentação

A história dos surdos é marcada por uma série de contradições em relação à sua capacidade de aprender e se comunicar. Na antiguidade, os surdos eram considerados seres “não humanos”, decorrente do pressuposto de que a fala não se desenvolvia sem a audição, e desta maneira não poderia ocorrer o processo de aprendizagem (Moura, 2000). Segundo este mesmo autor, essa alienação tendia a ser imposta somente àqueles que nasciam surdos, diferentes daqueles que ficavam surdos ao longo da vida. Sendo assim, os surdos não podiam gerenciar seus próprios atos, não tendo o direito de casar-se até meados do século XII. Nesta época o surdo era exposto à língua falada e aos sons, estimulados somente a oralizar, sem gesticular.

No século XX, dois psicólogos, Binet e Simon, realizaram a primeira avaliação sistemática na educação dos surdos (Moura, 2000). Eles constataram que os surdos só poderiam realizar uma conversação se entendessem a leitura labial e os gestos expressivos. Com isso, concluíram que a educação voltada para a oralidade impunha limites à comunicação e as suas relações interpessoais dos surdos. Na década de 60, novos conhecimentos teóricos trouxeram mudanças significativas na educação do surdo. Através de estudos relatados por Moores (1978), foi possível comprovar que crianças, filhos de pais surdos que utilizavam a língua de sinais, tinham desenvolvimento escolar melhor, comparado a crianças surdas, filhos de pais ouvintes. O resultado concluiu que uma linguagem baseada em sinais facilitava o desenvolvimento social e cognitivo das crianças surdas, sem trazer prejuízos para as habilidades orais, surgindo, assim, a noção de bilinguismo (Santana & Bergamo, 2005).

Analisando a aquisição da linguagem e a formação dos processos mentais, pode-se pensar que a privação de um dos sentidos, desenvolva ou enfatize o uso de outros, em especial devido à existência de uma interrelação funcional no mecanismo perceptual (Fernandes, 1990). Para Fernandes (1990), o surdo pode apresentar um atraso no raciocínio abstrato, lógico e numérico, caso não receba um ensino especializado.

Nesse sentido, o presente estudo abordará os níveis de atenção em surdos maiores de dezoito anos, que frequentam uma escola especial para surdos. A seguir serão brevemente discutidos aspectos físicos, sociais e psicológicos relacionados à

surdez. Após, serão examinados alguns estudos sobre aspectos cognitivos, em especial a questão da aquisição da atenção em surdos.

Jovens surdos: Aspectos físicos, psicológicos e sociais

A deficiência auditiva pode ser considerada uma diferença existente entre o desempenho do indivíduo e a habilidade normal para a detecção sonora. No caso de distúrbio no processamento normal da audição, seja qual for à causa, tipo e grau de severidade, ocorre uma alteração auditiva que determina uma diminuição na capacidade de ouvir e perceber sons (Skliar, 1998). Segundo o Art. 4 do Decreto Federal nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999, considera a pessoa portadora de deficiência auditiva aquela que se enquadra nas seguintes categorias: Surdez Leve (não ouve sons entre 25-40 decibéis); Surdez Moderada (não ouve sons entre 41 a 55 decibéis); Surdez Acentuada (não ouve sons entre 56 e 70 decibéis); Surdez Severa (não ouve sons entre 71 a 90 decibéis); Surdez Profunda (acima de 91 decibéis). No caso da criança que nasce com deficiência auditiva profunda, esta fica completamente alheia ao mundo sonoro, podendo sofrer o impacto desta diferença ao longo de todo ciclo vital.

Estudos recentes mostram que as maiores causas de alterações auditivas congênicas estão relacionadas à meningite e rubéola materna (Pupo, Balieiro, & Figueiredo, 2008). Segundo uma pesquisa do IBGE relativo ao ano de 2000, no Brasil, a população que sofre de déficit de audição de todos os níveis, congênicos ou adquiridos, chega há 5.750.809 pessoas, sendo que no Rio Grande do Sul, estes dados correspondem a 4,7% da população (Monteiro, & Andrade, 2005).

No plano familiar, o nascimento de um filho surdo ou então a aquisição da surdez pela criança exigem inúmeras adaptações tanto de ordem prática como emocional (Bergmann, 2001). Pais ouvintes, por exemplo, precisam aprender vias alternativas para se comunicarem com os filhos, além da própria língua de sinais, ao mesmo tempo em que lidam com seus sentimentos diante da surdez do filho. Frente a isso, acaba existindo um investimento e zelo maior por este filho, já que poderá enfrentar, ao longo da vida, dificuldades maiores no mundo ouvinte, diferente da criança que nasce ouvindo. Em particular na adolescência, a surdez traz tensões devido às crises e tarefas desenvolvimentais próprias desta fase que são agravadas pela dificuldade em comunicar-se (Bremm & Bisol, 2008). Segundo Bremm e Bisol (2008), até a adolescência a criança fica protegida pela família em sua interação com o mundo.

Na adolescência, isso é revisado e complexificado, pela aquisição de novos papéis sociais e pelo despertar da sexualidade. No caso do adolescente surdo, este começa a frequentar mais intensamente outros grupos sociais além da família o que implica pôr a prova sua construção identitária, uma vez que está mais exposto ao mundo ouvinte. Esses novos contextos podem, portanto, acabar por ressaltar a dificuldade de ouvir e comunicar-se (Bremm & Bisol, 2008). Nesse caso, a aquisição da língua de sinais pelo surdo e a legitimação de seu uso na família e fora dela é fundamental no processo identitário de sua personalidade, pois proporciona sua inclusão em grupos onde os significados e formas de interação se constituem da mesma maneira.

Atualmente, considera-se que as línguas baseadas em sinais são linguagens que possuem sistemas semióticos, gramática, morfologia e léxico próprios. Nörth (1990) afirma a independência das línguas de sinais em relação às línguas faladas/escritas e descreve três tipos de autonomia: a) autonomia estrutural, pois as línguas de sinais não são um soletramento ou tradução das palavras, são sinais caracterizados por um alto grau de iconicidade e de independência em relação a outros tipos de representações; b) autonomia geográfica, tendo em vista que as línguas de sinais têm limites territoriais próprios, existindo um grau de mutabilidade dos sinais de uma região para outra; e c) autonomia funcional que pressupõe a existência de diferentes circunstâncias de uso e disponibilidade das línguas de sinais, já que privilegiam o canal visual em vez do auditivo. Capovilla e Capovilla (2002) consideram as línguas de sinais como naturais do surdo, pois apresentam um caráter espontâneo da comunicação em sinais e a sua preferência em comunicar-se através da via visual.

No Brasil, a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 trata do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como Língua Oficial da Pessoa Surda e do seu uso pelos surdos brasileiros. O estatuto de língua oficial concedido à língua de sinais utilizada pelas comunidades surdas do Brasil foi um importante passo na luta pela conquista de uma série de direitos dos surdos, como a exigência de disponibilização de intérpretes em serviços públicos, ensino de Libras em escolas públicas, atendimento e tratamento adequado em Libras. A língua de sinais tem repercussões linguísticas, cognitivas e sociais, transformando o que se constituiu na diferença do surdo, em normalidade, já que permite que o indivíduo constitua sua identidade dentro de suas possibilidades interativas de compreensão e de aprendizagem para a cultura surda. (Santana & Bergamo, 2005).

Ao mesmo tempo em que tais aspectos físicos, psicológicos e sociais podem influenciar decisivamente a inclusão social dos surdos é importante considerar o papel das particularidades cognitivas vivenciadas por estas pessoas. Na próxima seção, se buscará detalhar os processos cognitivos envolvidos na atenção, de modo geral, e na situação de surdez.

Cognição e atenção concentrada no contexto da surdez

Através de estudos neuropsicológicos foi possível sugerir que o sistema de atenção estaria envolvido basicamente com duas regiões do córtex, o tálamo e algumas estruturas subcorticais (Sternberg, 2008). Assim, a atenção está ligada à forma como processamos estímulos através de uma quantidade limitada de informação.

Estévez, Sánchez e Junque (1997), apresentam a função atenção, como um estado neurocognitivo cerebral que precede a percepção e a ação, sendo o resultado de uma rede de conexões corticais que predominam no hemisfério direito. Além disso, descrevem a atenção com uma função cerebral regulada por três sistemas neurofuncionais interligados denominados de alerta, atenção posterior e atenção anterior. O sistema de alerta depende da integridade do sistema reticular mesoencefálico e de suas influências subcorticais. A atenção posterior permitiria seletividade na priorização de informações e dependeria das zonas do córtex parental posterior direito e suas conexões subcorticais e corticais. Já o sistema de atenção anterior, estaria integrado por zonas anteriores pré frontais laterais e núcleo caudado neoestriado. Ainda segundo Estévez, Sánchez e Juque (1997), a atenção visual, modalidade da atenção menor investigada, seria o resultado de conexões corticais e subcorticais captadas pela retina. A atenção posterior está ligada à exploração de estímulos visuais, podendo ser denominada de atenção perceptiva, viso espacial ou seletiva posterior. A atenção anterior estaria ligada ao controle de áreas cerebrais responsáveis por executar as tarefas cognitivas completas.

No caso de um indivíduo estar concentrado em uma única tarefa, podemos dizer que está fazendo uso da capacidade de reter sua atenção em um determinado objetivo. Deste modo, a atenção concentrada pode ser definida como

a capacidade de selecionar uma fonte de informação (estímulo do meio ambiente ou do mundo interior) dentre todas as que estão disponíveis em

um determinado momento e conseguir dirigir sua atenção (manter o foco) para este estímulo ou tarefa a ser realizada no decorrer do tempo (Cambraia, 2003, p.16).

Portanto, é importante que, em qualquer tarefa, a atenção concentrada possa ser focalizada por um maior intervalo de tempo, possibilitando ao indivíduo uma maior aprendizagem e aproveitamento daquilo que estiver realizando.

Na população em geral, estudos brasileiros têm evidenciado a influência da escolaridade sobre os níveis de atenção concentrada. Assim, em um estudo sobre atenção concentrada e avaliação do potencial intelectual com 500 adultos de idades entre 17 e 57 anos, foi constatada a influência da escolaridade, sendo que participantes com ensino médio incompleto apresentaram menor atenção quando comparados àqueles com escolaridade superior incompleto (Argimon, Lopes, Nascimento, & Scheeren, 2010). Outro estudo brasileiro realizado por Gurgel e Rueda (2008) investigou a atenção em 698 candidatos à carteira nacional de habilitação, com idades entre 18 e 58 anos. Nessa pesquisa também foi evidenciada diferença quanto ao nível educacional. Os autores encontraram que pessoas com nível superior completo ou pós-graduação apresentavam maiores pontuações no teste de atenção do que pessoas com ensino médio ou fundamental.

Já entre os surdos, os estudos buscam identificar potenciais e dificuldades trazidas pela situação de surdez a processos cognitivos, tais como a atenção. Desse modo, um estudo americano comparando surdos e ouvintes com e sem a habilidade para língua de sinais em uma tarefa de atenção demonstrou que a surdez e não a língua de sinais estaria ligada a um melhor desempenho atencional (Dye, Hauser, & Bavelier, 2009). Durante os testes, foi constatado que os participantes surdos tinham uma visão periférica mais aguçada comparado aos ouvintes. Mais do que isso, para Dye et al. (2009), quem adquiriu a surdez antes dos quatro anos de idade tinha uma visão periférica ligeiramente melhor, comparado com aqueles que adquiriram o problema após esta idade.

Em estudos utilizando técnicas de neuroimagem observou-se que os surdos ativavam com maior frequência e com processos de reação mais rápidos, a zona visual periférica, enquanto que os ouvintes utilizavam a zona visual central para focarem na tarefa (Bavelier et al., 2000). Ainda quanto a isso, um estudo de caso com quatro

estudantes surdos brasileiros que completaram até a sexta série do ensino fundamental, de uma escola especial avaliou o raciocínio abstrato, espacial e numérico, através da bateria de provas de raciocínio (Monteiro & Andrade, 2005). Os dados apontaram um melhor resultado para o raciocínio espacial, sugerindo uma capacidade de visualização mais desenvolvida, comparado com outras habilidades avaliadas.

Por outro lado, em um experimento utilizando uma tarefa de enumeração, adultos surdos de nascença que utilizavam a linguagem de sinais e ouvintes que não utilizavam a linguagem de sinais obtiveram performances parecidas, sugerindo que a surdez não aumentaria o número de objetos que uma pessoa pode prestar atenção ao mesmo tempo (Hauser, Dye, Boutla, Green, & Bavelier, 2007). Uma pesquisa americana comparou 28 crianças que falavam a língua de sinais entre 08 e 14 anos que constituíam três grupos específicos: crianças ouvintes, crianças com implante coclear e com aparelhos convencionais (Thorpe, Ashmead, & Rothpletz, 2002). Contrariando estudos prévios, os autores não encontraram diferenças substanciais entre os grupos em relação à atenção visual (Thorpe, Ashmead, & Rothpletz, 2002).

Outro estudo americano revelou dados sobre hiperatividade e impulsividade em surdos através de um teste para diagnóstico de déficit de atenção e hiperatividade (Parasnis, Samar & Berent, 2003). Nesse estudo participaram 38 jovens surdos com surdez profunda e sem aquisição da língua oral e 34 jovens ouvintes. O teste aplicado consistiu em uma tarefa de vigilância na qual centenas de estímulos alvos e não-alvos eram randomicamente apresentados a cada 2 segundos e a pessoa era solicitada a pressionar um botão em resposta a cada alvo e segurar o botão em caso de não-alvo. O experimento, que era feito no computador, produziu escores relativos à velocidade de resposta, variabilidade e tipo de erro cometido, sendo que dois conjuntos principais de variáveis eram observados: avaliação de desatenção (número de omissões de alvo, tempo de resposta aos alvos e variabilidade no tempo de resposta aos alvos) e avaliação de impulsividade (número de sinalizações para não-alvos e o número de respostas antecipatórias ao estímulo que ainda não ocorreu). Os resultados do estudo apontaram que haveria uma redução na atenção ao estímulo central entre os surdos, associada à desatenção e hiperatividade, sendo que esta diminuição estaria relacionada à reorganização atencional adaptativa à surdez. Assim, os autores sugerem que normas específicas sejam desenvolvidas para avaliação da atenção de surdos, considerando seus diferentes padrões (Parasnis, Samar & Berent, 2003).

No Brasil, os autores Borges, Borges e Lopes (2010) investigaram as habilidades de memória e raciocínio simbólico e não simbólico entre 55 crianças e adolescentes surdos. Os autores encontraram diferenças no contexto familiar estariam ligadas as influências culturais e as estimulações ambientais, sugerindo que estas experiências interferem em testes de desempenho e inteligência.

Como se pôde constatar, através da revisão de literatura realizada, existe controvérsias e resultados discrepantes em relação à atenção entre surdos, havendo dados que apontam tanto um aumento quanto evidências de prejuízos em determinadas facetas da atenção. No Brasil, são escassas as informações e estudos de referência nesta área, predominando os estudos voltados ao modelo clínico-terapêutico e socioantropológico enfocando, principalmente, a infância e adolescência (Bisol, Simioni, & Sperb, 2008). Em relação a instrumentos de avaliação psicológica para população de surdos, pode-se dizer que estes são quase inexistentes de forma adaptada, o que, como destacado pela literatura, certamente pode interferir nos resultados obtidos (Monteiro & Andrade, 2005).

Justificativa e objetivos do estudo

Como se viu, a surdez pode influenciar diversos aspectos do desenvolvimento social do indivíduo uma vez que estes podem ter dificuldades comunicacionais ao confrontar-se com contextos sociais primariamente orais, como o mercado de trabalho. Já em termos do desenvolvimento cognitivo, observa-se, através de estudos realizados no exterior, um favorecimento em determinadas facetas da atenção em relação à tarefa em função de um maior desenvolvimento na zona visual periférica, principalmente dentre aqueles que adquirem a surdez desde o nascimento. Ao mesmo tempo, outros estudos encontraram uma maior impulsividade associada a um pior desempenho em tarefas atencionais entre surdos. De modo geral, constatou-se a carência de estudos na área, em especial no contexto brasileiro. Entendem-se estudos nesta área poderiam apontar indicadores dos níveis de atenção entre jovens surdos orientando, desta forma, estratégias que promovam a adaptação de seus recursos de aprendizagem.

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi avaliar os níveis de atenção concentrada em jovens surdos. A hipótese inicial do estudo foi de que a deficiência auditiva poderia estar ligada a níveis mais elevados de atenção concentrada, já que

devido à necessidade de desenvolver a atenção a outros estímulos, como estímulos visuais e tácteis, isso poderia estar ligado a maiores níveis de atenção.

CAPÍTULO II: MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo, 20 jovens surdos com idades entre 18 e 26 anos. Estes jovens representaram níveis socioeconômicos e de escolaridade diversas, sendo que oito eram auxiliares de produção, quatro eram instrutores de libras, quatro não trabalhavam e um era feirante (dois participantes que tinham ocupação profissional não a detalharam). Além disso, os participantes relataram diferentes etiologias para a surdez como meningite, rubéola, reação alérgica a medicamentos, entre outros. Em relação ao grau de surdez, dois jovens apresentaram um nível de surdez médio, enquanto dezesseis apresentaram um nível de surdez profundo, sendo que outros dois jovens não souberam responder sobre a gravidade de sua surdez. Sobre o tempo que conviviam com a deficiência auditiva, seis jovens relataram ter nascido surdos, doze que haviam ficado surdos até os três anos de idade, enquanto outras duas não souberam precisar quando ocorreu o diagnóstico. A maioria dos participantes (17) era de famílias ouvintes, enquanto três participantes pertenciam a famílias com outros surdos. Ainda, quinze jovens referiram que as famílias utilizavam a língua de sinais para comunicar-se com eles, sendo que três relataram que seus familiares não o faziam e dois não responderam. Com relação aos amigos, dezoito jovens mencionaram que dentre seus amigos havia tanto surdos como ouvintes, sendo que os outros dois relataram que tinham apenas amigos. A Tabela 1 sumariza alguns dos dados sócio-demográficos dos participantes.

Tabela 1.

Características sociodemográficas dos participantes (N=20)

		Jovens Surdos
Sexo	Feminino	11 (55%)
	Masculino	9 (45%)
Idade <i>M (dp)</i>		20,6 (2,3)
Escolaridade	Nível Fundamental Inc.	4 (20%)
	Nível Médio Inc.	12 (60%)
	Nível Superior Inc.	4 (20%)
Ocupação Profissional	Trabalha	16 (80%)
	Não trabalha	4 (20%)

Delineamento e procedimentos

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de corte transversal que visou investigar os níveis de atenção concentrada em surdos. Inicialmente, os portadores de restrições auditivas foram convidados a participar da pesquisa, através da indicação da psicóloga de uma escola para surdos, situada na cidade de Caxias do Sul/RS. Os objetivos e procedimentos foram explicados e todos que desejaram participar, os quais leram e assinaram o Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido (Anexo B).

A aplicação do instrumento de atenção concentrada foi feita de forma coletiva, com auxílio da intérprete, professora da escola. Após aplicação do teste, os participantes foram convidados a preencher a ficha com dados sociodemográficos, além de algumas questões sobre auto-relato de atenção e dificuldades relacionadas. Nesta etapa, a psicóloga local e a intérprete também auxiliaram os participantes que apresentaram dificuldades. O teste foi aplicado antes da ficha com dados sociodemográficos para não afetar a prontidão ao teste. Os participantes utilizaram, em média, 10 minutos para o teste e aproximadamente 20 minutos para responder a ficha.

Instrumentos e materiais

Ficha de Dados Sociodemográficos: Foi realizada para obter dados sociodemográficos com relação à idade, gênero, escolaridade, experiências profissionais, etiologia e diagnóstico da surdez e comunicação familiar. Além disso, incluíram-se questões sobre como o participante avaliava seu nível de concentração de modo geral, optando por uma dentre três alternativas (Muito pouco, Mais ou menos ou Bastante) e se enfrentava alguma dificuldade em concentrar-se durante suas tarefas diárias, também através de opções (Nenhuma dificuldade, Muito pouca dificuldade, ou Média dificuldade). A ficha foi submetida a uma revisão da linguagem escrita por uma instrutora de língua de sinais, que é surda, a fim de facilitar a compreensão para os surdos. (Anexo C).

Teste de Atenção Concentrada – AC (Cabraia, 2003): Trata-se de um instrumento que visa avaliar a atenção focada no estímulo do meio ambiente ou do mundo externo, por certo intervalo de tempo, com o objetivo de facilitar o processo de aprendizagem e o desempenho da tarefa (Cabraia, 2003). Neste instrumento o sujeito deverá cancelar rapidamente três tipos diferentes de sinais distribuídos pelas linhas. O

teste se inicia com um pequeno treino com tempo livre para depois realizar o teste em 5 minutos. O levantamento é realizado através de um crivo de correção transparente, sendo numericamente descritos os erros e omissões. O tempo total de aplicação dura em torno de 10 minutos e o teste pode ser utilizado em pessoas com qualquer nível de escolaridade. A sua aplicação pode ser individual ou coletiva. Em relação às normas desenvolvidas para o teste, estas oferecem um meio de avaliar o desempenho de uma pessoa em comparação com o de um ou mais grupos de referência apropriados. O escore usado para expressar a norma intra-grupo foi o percentil. De acordo com Urbina (2003), um escore de percentil indica a posição relativa de um testando comparada a um grupo de referência, representa a percentagem de pessoas no grupo de referência que teve escore igual ou inferior a um determinado escore bruto. Quanto à fidedignidade teste-reteste do AC, o coeficiente de correlação encontrado foi de 0,73 para o total de pontos (Cabraia, 2003). O teste também passou por procedimentos para verificação da sua validade de conteúdo e de construto, demonstrando bons resultados (Cabraia, 2003).

Considerações Éticas

Os surdos trazem para vida social uma importante diferença quando comparado ao conjunto de atributos pessoais idealizados pelos ouvintes (Luchesi, 2003). Deste modo, a comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais, que se difere pelo não uso da palavra. As pessoas surdas necessitam de sua linguagem gestual e de experiências visuais para expressarem seus sentimentos e para se comunicarem entre si e com os ouvintes (Skliar, 1998). Dentro deste contexto, muitas vezes, os ouvintes não estão preparados para uma comunicação ligada diretamente a linguagem de sinais (Sá, 2002). Neste sentido, pode se fazer presente certo preconceito e estigma social para com o portador desta deficiência, em momentos em que este precisa e deseja ter acesso a cultura ouvinte.

De acordo com a Resolução 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), surdos podem ser considerados como fazendo parte de populações vulneráveis, que precisam de mecanismos protetivos especiais contra riscos morais, físicos e/ou psicológicos. Deste modo, o estudo buscou assegurar a proteção bioética dos participantes, sendo que o recrutamento deverá ser mediado pela escola e os profissionais que atendem diretamente esses alunos. Visando a atender estes aspectos, a

pesquisadora contatou uma instituição de ensino para surdos da cidade de Caxias do Sul e obteve seu consentimento formal para a realização da pesquisa, bem como se acercou do envolvimento da escola na realização da pesquisa e do acompanhamento dos alunos, caso fosse necessário (Ver Anexo A).

Assim, os profissionais da escola fizeram a indicação de possíveis participantes que atenderam aos critérios de inclusão no estudo e somente a partir disso os alunos e instrutores foram convidados. Tanto o recrutamento quanto a aplicação dos instrumentos foram realizados em local apropriado, nas dependências da escola, com o acompanhamento da psicóloga local, que apresentou experiência com esta população e uma professora da escola que foi intérprete da língua de sinais. Objetivando evitar qualquer situação que expusesse os participantes a dificuldades de entendimento e comunicação inerentes as suas necessidades auditivas, a Psicóloga da escola, também serviu de intérprete e acompanhou todas as etapas da coleta de dados, desde a explicação da pesquisa e apresentação do TCLE quanto à aplicação dos instrumentos. Quando necessário a intérprete esclareceu as dúvidas dos participantes, além de ter auxiliado aqueles que possuíam níveis mais baixos de escolaridade ou dificuldades na leitura do questionário. A pesquisadora também possuía habilidades básicas na língua de sinais e fez sinalizações mais simples na condução dos instrumentos, bem como esclareceu algumas dúvidas dos participantes. Além disso, a pesquisadora apresentou de modo preliminar, a ficha de dados sociodemográficos e discutiu os procedimentos de aplicação do teste de atenção com a intérprete, visando a realizar adaptações que facilitassem o entendimento de todos.

Segundo o artigo 9 da Resolução 016/2000 do CFP, *“todos os membros da equipe estarão obrigados a conservar em sigilo as informações confidenciais obtidas na pesquisa, assim como proteger de riscos os participantes”*. A privacidade dos participantes e a confidencialidade dos dados serão garantidas, sendo que em nenhum momento da divulgação dos resultados da pesquisa em trabalhos acadêmicos os participantes serão identificados. Os dados do teste e da entrevista sócio-demográfica ficarão armazenados no Instituto de Psicologia da UFRGS em local seguro, na sala do professor responsável, pelo período de cinco anos, sendo depois disso serão destruídos.

Cabe lembrar que muitos surdos têm dificuldades com a língua portuguesa escrita. Assim, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B) se procurou incluir as informações sobre o projeto do modo mais simples e claro possível.

Ademais, como já foi dito, uma intérprete da língua de sinais, que trabalhava na escola, auxiliou na explicação do TCLE de modo a facilitar o entendimento e a leitura do documento por todos os participantes. Os participantes foram informados com clareza sobre os objetivos e procedimentos do estudo e a pesquisadora se certificou de que eles tinham compreendido estas informações antes de assinarem o documento. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (Proc. nº 2010014).

CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do Teste de AC foram levantados e digitados no programa estatístico SPSS v.17, assim como os dados sócio-demográficos e as respostas às perguntas. Os resultados do teste de AC foram avaliados considerando as normas brasileiras para os diferentes graus de escolaridade, sendo computados os resultados brutos de acertos, erros, omissões e pontuação total (Cambraia, 2003). Para fins de exposição dos achados, a pontuação total no AC foi classificada em três níveis (Mais Baixo; Mediano; Mais Alto), de acordo com a distribuição percentil. As variáveis contínuas incluídas nas análises tais como, idade, anos de trabalho e as pontuações no AC apresentaram padrões de distribuição normal. No entanto, devido ao pequeno número de participantes do presente estudo, foram utilizados apenas testes não-paramétricos. Assim, foram realizadas Correlações de *Spearman* e os testes *Mann-Whitney* e *Kruskall-Wallis* para amostra independentes. Não foi possível a condução de teste de Chi-quadrado devido ao alto percentual de caselas com pequeno número de participantes nos cruzamentos entre a classificação da pontuação no AC (Mais Baixo, Mediano, e Mais Alto) e as variáveis sociodemográficas categóricas (p. ex., sexo do participante, ocupação, nível de escolaridade e se a família era ouvinte ou não).

No que diz respeito ao nível de escolaridade, as médias de acertos, erros, omissões e pontos totais no AC são apresentadas na Tabela 2. Como se pode constatar, a média de acertos e pontos no AC foi maior para os jovens surdos com maior escolaridade, ao mesmo em que seu número de omissões foi menor. O teste *Kruskall-Wallis* para amostras independentes apontou que jovens com ensino fundamental incompleto apresentaram significativamente menos acertos no AC do que os jovens com ensino superior incompleto ($K=6,51$; $gl=2$; $p<0,05$). Considerando a idade, o sexo dos participantes, se tinham alguma ocupação profissional naquele momento e o tempo de trabalho não foram encontradas associações significativas com os escores no AC.

As diferenças encontradas pelo presente estudo no que se refere à atenção concentrada e a escolaridade são corroboradas por pesquisas com adultos em geral (Gurgel & Rueda, 2008). Pode-se pensar que, assim como entre ouvintes, a escolaridade dos jovens surdos seja um fator preponderante para os níveis de atenção concentrada. Desse modo, é possível que uma maior capacidade de atenção visual periférica em surdos, constatada em diversos estudos utilizando tarefas neuropsicológicas (Bavelier et

al.,2000; Dye et al., 2009; Parasnis, , 2003), não se reflita em testes psicométricos de atenção e que fatores ligados ao desenvolvimento do potencial intelectual, como o nível de escolaridade respondam por maiores diferenças. A hipótese inicial do estudo era de os jovens surdos apresentassem níveis de atenção mais elevados quando comparados a população ouvinte normativa do AC. Nessa direção, buscou-se comparar os resultados dos jovens do presente estudo no AC à tabela de padronização do teste, que foi normatizado apenas entre ouvintes (Cabraia, 2003). Pode-se dizer que, quando comparados às normas entre ouvintes, os jovens surdos com escolaridade entre quinta e oitava série obtiveram uma média geral abaixo da média dos ouvintes. Contudo, os surdos com escolaridade média incompleta e superior incompleta obtiveram resultados superiores à média geral encontrada para a população ouvinte. Com isso, é possível pensar a escolaridade dos jovens surdos atue como um aspecto tanto protetivo como de risco para os processos atencionais, em especial a atenção concentrada, sendo que a hipótese do estudo parece ter sido confirmada apenas entre os jovens surdos com maior escolaridade.

Tabela 2.

Médias de acertos, erros, omissões e pontos no AC conforme escolaridade (N=20)

	Acertos	Erros	Omissões	Pontos
Nível de escolaridade	M (dp)	M (dp)	M (dp)	M (dp)
Ens. Fund. Inc. (N = 4)	67,5 (10,6)*	Sem erros	65,7 (11,8)	5 (7,57)
Ens. Méd. Inc. (N = 12)	93,1 (20,8)	0,50 (0,79)	45,6 (21,9)	49,2 (39,1)
Ens. Sup. Inc. (N = 4)	103,2 (22,5)*	Sem erros	42,0 (21,4)	61,2 (44,0)
Total (N = 20)	90,0 (22,3)	0,30 (0,65)	48,9 (21,2)	42,8 (40,0)

* Teste de Kruskal-Wallis; $p < 0,05$.

Em relação ao diagnóstico e contexto familiar da surdez, os jovens surdos provenientes de famílias ouvintes apresentaram maiores escores de acertos ($U=49,0$; $p < 0,05$) e pontos no AC ($U=49,5$; $p < 0,05$) comparados àqueles de famílias que tinham outros membros surdos. Ainda foram investigadas associações entre as médias no AC, a idade em que ocorreu o diagnóstico (i.e., se nasceu surdo ou adquiriu a surdez na primeira infância) e o fato da família comunicar-se ou não através da língua de sinais com os jovens, não tendo sido encontradas diferenças significativas. Diante desses

achados, é plausível pensar que jovens surdos de famílias ouvintes sejam mais intensamente expostos a diferentes formas de comunicação (leitura labial, escrita, língua de sinais) que podem acabar por estimular as habilidades voltadas à atenção. Como destacado na literatura, a inclusão social e familiar do surdo e o acolhimento de suas diferenças comunicacionais são essenciais para o desenvolvimento cognitivo, sendo que aspectos culturais e estimulações ambientais têm importante influência (Bergmann, 2001; Borges, Borges, & Lopes, 2010).

No presente estudo, os jovens surdos também foram solicitados a avaliar seu nível de concentração geral, bem como eventuais dificuldades para concentrar-se na realização das atividades no seu dia-a-dia. Quanto a esse aspecto, os jovens que declararam conseguir concentrar-se bastante nas atividades diárias apresentaram significativamente mais erros comparados àqueles que relataram concentração média ($K=3,68$; $gl=2$; $p<0,05$). Já considerando a avaliação da concentração em termos gerais, não foram encontradas associações. Esses achados podem indicar uma baixa percepção ou autoconsciência em relação às próprias dificuldades em concentrar-se, ao passo que aqueles que atentam para seus problemas têm recursos cognitivos para contorná-la no seu dia-a-dia.

Por fim, a tabela 3 apresenta a classificação dos jovens surdos no AC de acordo com algumas características sociodemográficas e aspectos relativos à surdez visando a caracterizá-los. Embora representem dados eminentemente descritivos, chamou atenção que jovens que nasceram surdos, cujas famílias utilizavam a língua de sinais com eles ou que possuíam outros membros de sua família nuclear e também eram surdos apresentaram níveis mais baixos de atenção concentrada. Quanto a isso, é plausível pensar que a comunicação facilitada com a língua de sinais, de modo automatizado, possa diminuir a exigência de atentar para estímulos mais específicos. Por outro lado, é possível que jovens surdos que precisam utilizar com mais frequência outras vias de comunicação (i.e., leitura labial, escrita, oralização) precisem desenvolver maior atenção de modo focado na tarefa.

Tabela 3.

Caracterização dos participantes de acordo com a classificação da pontuação no AC

		Mais baixo % (N)	Mediano % (N)	Mais alto % (N)
Sexo do participante	Feminino	36,4% (4)	45,5% (5)	18,2% (2)
	Masculino	33,3% (3)	22,2% (2)	44,4% (4)
Ocupação profissional	Sim	37,5% (6)	31,3% (5)	31,3% (5)
	Não	25,0% (1)	50,0% (2)	25,0% (1)
Grau de Surdez	Médio	0% (0)	100,0% (2)	0% (0)
	Profundo	31,3% (5)	31,3% (5)	37,5% (6)
Família utiliza língua de sinais	Sim	40,0% (6)	26,7% (4)	33,3% (5)
	Não	20,0% (1)	60,0% (3)	20,0% (1)
Idade do diagnóstico de surdez	Nasceu surdo	66,7% (4)	0% (0)	33,3% (2)
	Até 3 anos de idade	8,3% (1)	58,3% (7)	33,3% (4)
Surdez na família nuclear	Sim	100,0% (3)	0% (0)	0% (0)
	Não	23,5% (4)	41,2% (7)	35,3% (6)

CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi importante pois buscou caracterizar a atenção focalizada em um estímulo entre jovens surdos, população que é alvo de escassos estudos na área da avaliação psicológica. A avaliação da atenção entre surdos tem sido objeto de algumas pesquisas utilizando testes neuropsicológicos. Entretanto, a investigação de desempenho atencional a partir de testes psicométricos parece ser muito menos enfatizada, o que ocasiona uma lacuna no que diz respeito à aplicação prática de tais testes, como na seleção profissional, por exemplo. Acredita-se que estudos como esse sejam importantes na medida em que oferecem indícios sobre as particularidades na normatização desse teste entre a população surda, pois foram evidenciadas diferenças quando se levou em conta a escolaridade dos jovens. Mesmo que o nível de escolaridade influencie, por si só, os níveis de atenção concentrada, é possível pensar que entre jovens surdos a influência dessa variável seja ainda maior tanto negativa quanto positivamente. Assim, parece que jovens surdos menos escolarizados apresentaram médias mais baixas, enquanto que os mais escolarizados tiveram médias maiores, considerando-se a normatização do teste para em cada faixa de escolaridade. Além disso, os achados apontaram que o contexto social e familiar pode exercer influência, mesmo que de modo indireto, sobre os níveis de atenção, sendo fundamental estimular o processo de aprendizagem através da inserção social, em especial entre jovens provenientes de famílias com outros membros surdos.

Diante da escassez de evidências na área, o presente estudo teve caráter exploratório e envolveu um pequeno número de participantes, o que se acarretou limitações metodológicas como, por exemplo, a não realização de comparações com variáveis categóricas além da utilização de estatística não-paramétrica. Em conjunto com essas limitações, é preciso considerar que a literatura já apresentava achados discrepantes quanto ao desempenho atencional de surdos, o que salienta a necessidade de que novos estudos sejam realizados na área possibilitando a triangulação dos resultados de diferentes instrumentos e métodos de avaliação da atenção.

A inclusão do surdo na sociedade ouvinte é um desafio uma vez que a língua de sinais e a cultura surda, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico das pessoas com esse problema, por vezes, se constituem em barreiras. Evidências como as trazidas pelo presente estudo podem subsidiar o fortalecimento de

estratégias de atenção integral dos jovens surdos, o que certamente diminuirá sua vulnerabilidade social e promoverá seu desenvolvimento cognitivo. Assim, é preciso desenvolver estudos e instrumentos psicológicos que contemplem as especificidades dessa população, possibilitando seu crescimento e acolhimento no mundo ouvinte, através de informações e atendimento especializado visando a ampliar o potencial dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

- Argimon, I.L., Lopes, R.M.F., Nascimento, R.F.L & Scheeren, P. (2010). Atenção concentrada e inteligência em adultos jovens e adultos maduros na busca da inserção profissional. *Revista eletrônica de Psicologia* (online), 4(1) Retrieved from <http://www.pesquisapsicologica.pro.br>
- Bavelier, D., Tomann, A., Hutton, C., Mitchell, T., Corina, D. Liu, G., & Neville, H. (2000). Visual attention to the periphery is enhanced in congenitally deaf individuals. *Journal of Neuroscience*, 20(17), RC93.
- Bergmann, L. (2001). Repercussões da surdez na criança, nos pais e suas implicações no tratamento. *Inep*, 16, 3-8.
- Bisol, C. A., Simioni, J. & Sperb, T. (2008). Contribuições da Psicologia Brasileira para o estudo da surdez. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 392-400.
- Brasil (2000). *Decreto Federal No. 3.298 de 20 de dezembro de 1999*. Retrieved from <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/decreto/D3298.htm>
- Bremm, E. S., & Bisol, C. A. (2008). Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos. *Psicologia: Ciência e profissão*, 28(2), 272-287.
- Borges, C.F., Borges, R.F.F. & Lopes, E.J. (2010). Estudo das habilidades de memória e raciocínio simbólico e não simbólico de crianças e adolescentes surdas por meio da bateria padrão do Universal Nonverbal Intelligence Test. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(1), 83-94.
- Cambraia, S. V. (2003). *Teste de Atenção Concentrada*. (3ª ed.). São Paulo: Vetor.
- Capovilla, F.C. & Capovilla, A.S. (2002). Educação da criança surda: o bilingüismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8(2), 127-156.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução No. 016/2000 de 20 de dezembro de 2000*. Retrieved from <http://www4.ensp.fiocruz.br/etica/docs/artigos/Cfp16-00.pdf>
- Dye, M. W. G., Hauser, P. C. & Bavelier, D. (2009). Is visual selective attention in deaf individuals enhanced or deficient? The case of the useful Field of view. *PLoS One*, 4(5), e5640.
- Estévez, G.A., Sánchez, G. & Junque C. (1997) La atención: una compleja función cerebral. *Revista de Neurologia*, 25 (148), 1989-1997.

- Fernandes, E. (1990). *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Gurgel, M.G.A. & Rueda F. J.M. (2008). Evidências de validade relativa ao contexto do trânsito para o teste de atenção concentrada. *Revista de Psicologia da Vetor editora*, 9(2), 165-172.
- Hauser, P.C., Dye, M.W., Boutla, M., Green, C.S. & Bavelier, D. (2007). Deafness and visual enumeration: not all aspects of attention are modified by deafness. *Brain Research*, 1153, 178-187.
- Luchesi, M. R. C. (2003). *Educação de pessoas surdas: experiências vividas, história narradas* (2ª ed.). Campinas: Papirus.
- Monteiro, J. K. & Andrade, C. G. (2005). Avaliação do raciocínio abstrato, numérico e espacial em adolescentes surdos. *Alethéia*, 21(1), 93-99.
- Moore, D.F. (1978). *Educating the deaf psychologist: principles and practices*. Boston: Moughton Mifflin.
- Moura, M. C., (2000). *O surdo*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Nörth, W. (1990). *Handbook of Semiotics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Parasnis, I., Samar, V. J. & Berent, G. P., (2003). Deaf adults without attention deficit hyperactivity disorder display reduced perceptual sensitivity and elevated impulsivity on the Test of Variables of Attention (TOVA). *Journal of Speech Language and Hearing Research*, 46(5), 1166-1183.
- Pupo, A. C., Balieiro, C. R. & Figueiredo, R. S. L. (2008). Estudo retrospectivo de crianças e jovens com deficiência auditiva: caracterização das etiologias e quadro audiológico. *Revista CEFAC*, 10(1), 84-91.
- Sá, N. (2002). *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: UFAM.
- Santana, A. P., & Bergamo, A., (2005). Cultura e identidade surdas: Encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. *Educação e Sociedade*, 26(91), 565-582.
- Skliar, C. A. (1998). *Surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Sternberg, R. J. (2008). *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Tiensoli, L. O., Goulart, L. M. H. F., Resende, L. M. & Colosimo, E. A. (2007). Triagem auditiva em hospital público de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: deficiência auditiva e seus fatores de risco em neonatos e lactentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(6), 1431-1441.

Thorpe, A.M., Asmead, D.H. & Rothpletz, A.M. (2002). Visual attention in children with normal hearing, children with hearing aids, and children with cochlear implants. *Journal of Speech Language, and Hearing Research*, 45(2), 403-413.

Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO A

Aceite da Instituição**TERMO DE CIÊNCIA E ACEITE DA INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADA A PESQUISA**

Eu, _____ diretora da escola Hellen Keller, conheço o protocolo de pesquisa intitulado *Avaliação de atenção concentrada em jovens surdos* desenvolvido por *Kátia Cristina Boff* e colegas, conheço seus objetivos e os métodos que serão utilizados, estando ciente de que a pesquisadora não irá interferir no fluxo normal da escola. Tenho ciência da necessidade de um intérprete no momento dos procedimentos de coleta e aplicação do instrumento e preenchimento da ficha sóciodemográfica a serem realizados nas dependências da escola. Concordo também, que ao final da pesquisa, a devolução dos achados será realizada para a psicóloga da escola. Coloco-me, ainda, a disposição para eventuais esclarecimentos ao Comitê de Ética.

Assinatura

Nome do Chefe do Serviço

Data

ANEXO B

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Especialização em Avaliação Psicológica
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem por objetivo caracterizar os níveis de atenção em surdos entre 18 anos e 25 anos.

Ao participar, você realizará um teste que avalia a atenção concentrada em uma tarefa específica e responderá um questionário sobre seus dados gerais. Os resultados do estudo servirão para aumentar os conhecimentos sobre os níveis de atenção entre jovens surdos, a fim de ajudar outros jovens como você. Os dados do teste e do questionário ficarão armazenados no Instituto de Psicologia da UFRGS.

Assim, pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente projeto de pesquisa. Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado na minha instituição de ensino.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade. Minha participação é voluntária e gratuita e concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa.

No caso de dúvidas e mais esclarecimentos sobre a pesquisa, o pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo telefone: 3308 5058.

Data: ___/___/___

Nome e assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador:

ANEXO C

Ficha de Dados Sociodemográficos

Código do participante: _____

Gostaria que você me respondesse algumas perguntas sobre você:

Idade: _____

Gênero: () Masculino () Feminino Em que série você está? _____

Você trabalha? () sim () não () desempregado – Quanto tempo você está desempregado?

Em que trabalha? _____ Há quanto tempo? _____ anos

Você já teve outros empregos? () sim () não Quais foram esses empregos? _____

Quanto tempo você ficou no último

emprego? _____

Qual foi o motivo da surdez? _____

Qual é o seu grau de surdez? _____

Com que idade você foi diagnosticado surdo

(a)? _____

Com que idade você começou a estudar na escola Hellen Keller? _____

A sua família é surda ou ouvinte? () família surda () família ouvinte

A sua família utiliza língua de sinais com você? _____ Qual é o membro de sua família que mais se comunica em língua de sinais? _____

Seus amigos são: () surdos () ouvintes () surdos e ouvintes

Você tem alguma dificuldade para concentrar-se nas tarefas relacionadas ao seu dia-dia? (dirigir, estudar, ler, escrever, trabalhar).

() Nenhuma () Muito pouca () Médio () Muita dificuldade

O quanto você acha que consegue se concentrar?

() Nada () Muito pouco () Mais ou menos () Bastante

Obrigada pela participação!